



O limiar entre ser boliviano e ser brasileiro: as identidades híbridas das crianças imigrantes na cidade de São Paulo

Carolina Abrão Gonçalves

Mestranda - Faculdade de Educação USP (FE-USP)

abrao.carolina@usp.br

Resumo

O crescimento da imigração boliviana à cidade de São Paulo nos instiga olharmos a trajetória destes personagens que cruzam as fronteiras físicas e identitárias buscando novas oportunidades de vida. E a presença das famílias imigrantes, nos revelam crianças que acompanham seus parentes neste percurso, nos instigando a compreender um pouco mais deste tempo social -a infância -boliviana na cidade de São Paulo. Considerando suas vozes na composição destas identidades *híbridas* já que se situam na fronteira, entre as nações de origem e de destino. Deste modo, trataremos algumas tensões e conflitos presentes no cotidiano de adultos e crianças imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Em hipótese, ao resgatar as narrativas que compõem o universo da infância, temos a possibilidade de problematizar o conceito de hibridismo cultural através das experiências das próprias crianças na cidade.

Palavras-Chave: Crianças bolivianas; Imigração; Identidades.

Abstract

The Bolivian growth immigration in São Paulo city can instigate us to examine the journey of these people that have crossed phisyc and identity borders looking new opportunities for their lives. These families immigrants have so many children that accompany theirs. This fact instigate to figure out this social moment.: The childhood of Bolivian children in São Paulo city. Considering their voices to create the hybrid identifies because the children are living between two countries and the borders of them. Therefore, we are explaining some daily conflicts in the life of Bolivian's adults and children immigrant in São Paulo city. Probably, after reminding these narratives to make childhood universe, we have the possibility to understand the cultural hybrid definition throught experience of childrean live there.

Key words: Bolivian children; immigrants; identities.

Introdução

A partir das indagações do projeto de mestrado em andamento, a cerca de como é ser criança boliviana moradora de ocupações na cidade de São Paulo é que desenvolvemos este artigo com o intuito de refletir sobre a vinda dos imigrantes bolivianos à metrópole e posteriormente dialogar com alguns estudos que refletem acerca das crianças que acompanham estes adultos e adultas. O nosso objetivo é



identificar características deste movimento migratório e lançar o olhar para as crianças imigrantes bolivianas. Pois quais são os seus percursos na cidade e principalmente na escola? E como se constituem suas identidades na fronteira entre Bolívia e Brasil?

A cada ano a imigração cresce na América Latina. No Brasil, o fluxo migratório é caracterizado por bolivianos, africanos, chineses, coreanos (Paiva, 2013, p. 15). O ímã que atrai mulheres e homens bolivianos, acompanhados de seus filhos, é o trabalho e “melhores condições de vida” no país vizinho. Segundo Paiva (Idem, 2013) as condições econômicas são as mais comuns entre as que determinam o processo migratório.

E é nesta configuração social que as autoras Gabriela Camargo de Oliveira e Rosana Baeninger (2012) nos chamaram a atenção em suas pesquisas¹ para existência de duas gerações de bolivianos que migram para o Brasil. Sendo a 1ª geração formada por imigrantes que chegaram ainda adultos ao Brasil deste a década de 1950 e a 2ª geração é formada pelos filhos destes imigrantes, que vieram ainda crianças ou aqueles que nasceram no Brasil.

Nas próximas páginas trataremos algumas características destes fluxos migratórios, assim como reflexões que destacam a importância dos conflitos oriundos das fronteiras geográficas e humanas que adultos e crianças imigrantes vivenciam. Fronteiras que se formam e que se caracterizam por híbridas, já que trazem os jeitos, as experiências, a história, a cultura, a política, a religião, vividos na Bolívia, o país de origem, relacionados com os costumes do “lado de cá”, dos brasileiros, em particular os modos de viverem da “terra da garoa”. As experiências que se (re)definem, se afirmam ou se negam serão os pontos principais que direcionarão o olhar para os imigrantes.

Segundo Canclini (2015, p. XIX, *grifos do autor*), “*entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.*” E procurando dialogar com o conceito de hibridismo sugerido por Canclini é que iremos propor o olhar para os processos de hibridação, procurando compreender quais são estas estruturas e práticas que permeiam a vida das crianças bolivianas em terra paulista. E também contextualizaremos os deslocamentos de seus familiares, já que consideramos de suma importância compreender estes fluxos migratórios como forma de também nos aproximarmos do cotidiano da infância imigrante.

¹ Este diálogo foi inspirado pelo texto: “A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo”, presente no livro: Imigração boliviana no Brasil. Cf. Gabriela Camargo de Oliveira e Rosana Baeninger (2012)



E buscando tais conexões e interações presentes na migração de bolivianos em São Paulo é que este artigo está organizado em duas partes, sendo a primeira uma reflexão acerca da vinda de adultas e adultos bolivianos e na segunda parte procuramos mergulhar um pouco mais no universo das crianças bolivianas, utilizando como diálogo as pesquisas que trouxeram a voz de meninas e meninos transmigrantes (Freitas e Silva, 2015; Magalhães, 2010).

E novamente fazemos a pergunta: Como as identidades dos pequenos e pequenas se constroem no olho do furacão, atravessando as fronteiras geográficas - na rota entre Bolívia-Brasil - e as fronteiras humanas?

1ª geração de imigrantes bolivianos: adultos e adultas

O primeiro fluxo migratório da 1ª geração de bolivianos ao Brasil ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970, caracterizado pela vinda de estudantes de classe média em busca de aperfeiçoamento profissional, tal como muitas pessoas que discordavam com os acontecimentos políticos no país, como a Revolução Popular de 1952 e as sucessivas intervenções militares entre as décadas de 1960 e 1970. Eram em sua maioria estudantes, profissionais liberais e faziam parte dos setores dominantes do país, como nos apontaram em suas pesquisas: Sidney Antonio da Silva (2006; 2012), Carlos Freire da Silva (2011) e Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (2012).

E também compondo esta 1ª geração de imigrantes é que temos recentemente um intenso fluxo migratório de bolivianos ao Brasil, especificamente com destino à cidade de São Paulo intensificado a partir dos anos 1980, trazendo homens e mulheres cuja motivação é a busca de melhores condições de vida em uma cidade conhecida como “cidade do trabalho”. E viver em um novo território não significa apenas trabalhar, mas usufruir dos benefícios, ou não, que carrega, como: saúde, educação, habitação, transporte, entre outros. E na luta por alguns benefícios, que são direitos dos cidadãos é que diariamente milhares de bolivianos arriscam a condição de ilegalidade para viver fora do país de origem.

A cidade de São Paulo registrou um aumento de quatro vezes do número de imigrantes, que elevou-se de 2.115 no ano de 2000, para 9.419 no ano de 2010, atingindo uma participação de 23,8% do fluxo total de imigrantes (Informes Urbanos, nº15, 2012, p. 1). Estas estatísticas consideram apenas o número de imigrantes bolivianos regulares, sendo que este número possivelmente aumentaria caso incluíssem os irregulares, ou seja, aqueles que não possuem situação de documentação legal no país. A



dificuldade em trabalhar com dados sobre a população boliviana no Brasil é abordada nas pesquisas de Silva (2011, p.79); Giovanna Modé Magalhães e Flávia Schilling (2012), como podemos constatar:

Os dados do Censo 2000 que contabilizaram 20.015 bolivianos vivendo em território brasileiro. Já a Polícia Federal falava em 32.416 pessoas regularizadas. O Consulado da Bolívia fala em 50mil indocumentados, enquanto para a Pastoral do Imigrante, o número está entre 70 e 80mil. O Ministério do Trabalho e Emprego tem estimativas menores – entre 10 e 30mil. O Ministério Público fala em 200mil bolivianos ao todo (incluindo regulares e irregulares). (MAGALHÃES E SCHILING, 2012, p. 44)

Destes bolivianos cerca de 10 e 12mil estão concentrados na região central de São Paulo, com um grupo composto de homens, mulheres, crianças e idosos trabalhando na informalidade e em alguns casos em trabalhos insalubres, além de sofrerem com intolerância da população em relação aos hábitos, costumes e idiomas diferentes (Magalhães e Schiling, 2012, p.45).

Estes imigrantes enfrentam os choques com as diferenças encontradas no país de destino, não somente com o deslocamento territorial, mas estes deslocamentos são culturais, afetivos, emocionais, profissionais e identitários (Paiva, 2013, p. 24):

Por vezes, a chegada do migrante num outro país ou região é precedida por várias das formas de migração apontadas anteriormente. No caso dos migrantes bolivianos em São Paulo, encontramos uma trajetória de migração que, para muitos, começou no êxodo do campo para as cidades como Santa Cruz de La Sierra ou La Paz. Camponeses de origem indígena, oriundos de pequenas comunidades rurais, migram para cidades e dedicam-se a atividades que não fazem parte de sua tradição cultural. Transformam-se em trabalhadores urbanos (vendedores, ambulantes, trabalhadores em pequenas oficinas, etc.), realizando uma migração que é ao mesmo tempo espacial e profissional. Muitos irão cruzar a fronteira com o Brasil, migrando da condição de nacionais para estrangeiros. (IDEM, p. 16)

Esta perda de identidade ou interlocução com novas experiências que transformam as identidades mostra-nos que estas não são estáticas como uma rocha, mas fluídas (Bauman, 2005).

O deslocamento de bolivianos para São Paulo já ocorre com destino certo, que é o ramo de confecções. Em muitos casos, estes imigrantes são agenciados por já que estes estão estabelecidos na cidade. As viagens de novos imigrantes são financiadas pelos próprios agenciadores, que em troca exigem alguns meses de trabalho sem remuneração (Silva, 2011, p. 82). O crescimento de demanda de trabalho em condições precárias se deve a um importante fator econômico: a reestruturação produtiva da década de 1990.

As mudanças nos setores de confecção iniciam a partir da reestruturação produtiva que ocorreu no fim dos anos 80 e decorrer dos anos 1990, na qual o setor de confecções passou por profunda transformação, entre elas: intensificação das terceirizações na gestão da mão de obra. O número de



empregos formais diminuiu, passando de 180mil em 1988 para apenas 80mil em 2000. (Silva, 2011, p. 75).

Segundo Silva (2011) com o processo de reestruturação produtiva as empresas de confecção formalmente constituídas do Brás e do Bom Retiro reduziram suas plantas industriais e concentraram-se na criação, modelagem, corte e comercialização do produto final. A costura, etapa mais intensiva do trabalho, foi terceirizada. (2011, p. 83).

Nesta reconfiguração da planta industrial, a precarização do emprego abriu portas para milhares de bolivianos e bolivianas em São Paulo. O subemprego atingiu estes imigrantes, que aos olhos de empresários dos setores da confecção são necessários para manterem a engrenagem de seus negócios funcionando. Mas que aos olhos da sociedade intolerante as diferenças, são um entrave ao desenvolvimento do país. Assim, como surgem alguns discursos xenofóbicos de que “os imigrantes furtam as oportunidades de emprego e utilizam de serviços públicos, como hospitais e escolas, diminuindo a qualidade destes serviços”.

Fazendo referência ao livro “Os estabelecidos e Outsiders” de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) o grupo de bolivianos poderia se assemelhar aos outsiders, na cidade identificada pelos autores como Winston Parva. Os outsiders sofriam preconceito por parte dos estabelecidos, mesmo sem distinção de classe social, nacionalidade, ascendência étnica ou racial, credo religioso ou nível de instrução, no caso a principal diferença entre os grupos era a de que um era de antigos residentes da cidade (estabelecidos) e o outro era de novos moradores (outsiders) (Idem, p. 24). Em nosso estudo, os bolivianos são os “outsiders” com agravantes, pois além de ter a questão de serem os novos residentes da cidade, trazem as diferenças em relação a classe social, ascendência, nacionalidade e costumes culturais.

Para Silva (2012):

Por certo, a herança nefasta dessas escravidões ainda se faz sentir no cotidiano da cidade, discriminando tudo aquilo que vem de lugares considerados periféricos, como é o caso de imigrantes oriundos de países pobres e com tradições culturais indígenas, entre eles os bolivianos. Tais estranhamentos que aqui foram remarcados, como nos casos dos episódios da Praça do Pari e do Parque do Trote, e por que não acrescentar a recente onda de bullying contra crianças bolivianas constatadas em algumas escolas da capital paulista, não são casos isolados e uma exceção na história de São Paulo. São, na verdade, uma expressão de que nela como em qualquer outra metrópole a multiculturalidade é marcada por tensões e resistências. (SILVA, 2012, p. 31-32)

Em uma cidade tão diversa quanto São Paulo, que já recebeu diferentes fluxos migratórios, de outras cidades brasileiras ou de países da Europa, Ásia, África e América Latina, e que seus moradores



convivem diariamente com a multiculturalidade é que concordamos com Paiva (2013) ao ressaltar a importância da convivência com os *estranhos* (Idem, p. 24) e das trocas de experiências que alargam a compreensão de nós mesmos e da sociedade em que vivemos, e o quanto nos faz pensar nas problemáticas da cidadania, direitos humanos, questões ambientais, educacionais, mercado de trabalho, cultura e historicidade (Idem, p. 30).

Os grupos de bolivianos comungam experiências comuns, em relação as questões relacionadas a: ilegalidade ou legalidade, dificuldade com o idioma, religião, costumes. Como forma de “escaparem” da residência, que muitas vezes é a própria oficina de costura, muitos frequentam ambientes, que funcionam como seus territórios, lugares de pertencimento, como chama Paiva (2013). Estes territórios em São Paulo, são: Praça Kantuta, Associação dos Residentes Bolivianos e o Círculo Boliviano, Associação Interligas (de times de futebol), Fraternidades Folclóricas, Associação Bolívia/Brasil, que defende os interesses dos oficinistas, a Associação Gastronômica e festas tradicionais, que utilizam espaços como o Memorial da América Latina e a quadra da escola de samba Camisa 12 (Silva, 2006, p.160) .

Além das conquistas no âmbito de associações e espaços territoriais, alguns bolivianos estão em movimento na luta pelo voto, como a webdesigner boliviana Jobana Moya que protestou juntamente com um grupo de latino-americanos na Rua Coimbra, zona leste de São Paulo² no ano de 2012. Também em 2012, imigrantes latino-americanos protestaram na 6ª marcha do imigrante, por “trabalho decente” na Praça da Sé em São Paulo. Com apresentações de grupo folclóricos da Bolívia e do Paraguai em frente à Catedral da Sé, o público reivindicou não somente pelos direitos trabalhistas, mas também por habitação digna³.

2ª geração de imigrantes bolivianos: as crianças

A segunda geração de imigrantes é constituída por meninas e meninos, filhos de imigrantes bolivianos da 1ª geração. As autoras Baeninger e Olveira (2012) apontam a existência de 3 categorias para descrever a segunda geração, baseadas nos estudos de Portes sobre as segundas gerações de imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos:

² Reportagem publicada por Thiago Baltazar em 24/02/2012 no Blog da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/10/24/grupo-de-imigrantes-reivindicam-direito-ao-voto-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.

³ Reportagem publicada por Thiago Baltazar em 5/12/2012 no Blog da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2012/12/05/imigrantes-pedem-trabalho-decente-em-sao-paulo/> - acessada em 23/01/2015.



(...) três categorias distintas: crianças imigrantes, crianças de imigrantes e crianças nativas de pais nativos. A primeira categoria inclui jovens que nasceram no exterior e vieram para os Estados Unidos após a infância para serem criados aqui. A segunda inclui as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes e as crianças nascidas no exterior mas que vieram ainda muito novos (algumas vezes chamados de geração 1.5). A terceira categoria, crianças nativas de pais nativos, representam a vasta maioria de ambos os total e da população adolescente. (Portes, 1996, p.ix, apud, Baeninger e Olveira, 2012, p. 181)

Deste modo, podemos levar em consideração, atualmente, as duas primeiras categorias, como realidade aparente. No entanto, a terceira categoria, que abrange pais e filhos nativos, ainda não se faz presente com frequência no Brasil, e por este motivo não a abordaremos. Mas, ressaltamos que está sendo construída e futuramente poderá constituir-se como realidade brasileira, já que alguns bolivianos pretendem permanecer no país. Segundo Silva (2006, p. 165) a falta de oportunidades e poucas chances de mobilidade social no país de origem, faz com que os imigrantes passem a apostar tudo na construção de sua oficina e permanência no Brasil, trazendo os familiares.

Elegemos lançar o olhar para dados de duas pesquisas que trazem as crianças bolivianas como interlocutoras, sendo fundamentais para compreendermos um pouco mais desta identidade que se constitui nas fronteiras entre duas nações. Os estudos de Freitas e Silva (2015) tratam das crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo e a de Magalhães (2010) sobre os direitos humanos na educação pública municipal de imigrantes bolivianos.

Ambas as autoras trazem a questão do direito à educação dos imigrantes, principalmente nos conflitos entre as fronteiras não geográficas, entre legalidade e ilegalidade. Uma situação tensa por qual passam algumas crianças e pais imigrantes no país:

(...) no sistema municipal de ensino de São Paulo, todas as crianças têm direito à educação, independentemente se sua situação legal. É dever do Estado matriculá-las, garantir-lhes o convívio educacional regular e, em caso de transferência, fornecer-lhes a documentação necessária e adequada à continuidade de estudos e, ao final do curso, conceder-lhes o respectivo histórico escolar e certificado de conclusão. (CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, parecer 17, 2004, apud, MAGALHÃES, 2010, p. 20)

E mesmo com o Parecer Municipal, muitas escolas ainda se negam a efetuar a matrícula de crianças sem documentação no país, ou seja, os ilegais. Segundo Magalhães (2010) um dos motivos é a falta de informação, já que o direito aos estudos é garantido aos estrangeiros em situação legal ou ilegal. Porém, muitos pais e mães ao terem a matrícula negada uma vez, não insistem com medo de serem denunciados pela ilegalidade no país. E muitos acreditam ser um favor a matrícula concedida pela escola e não um direito garantido por lei (Magalhães e Schilling, 2012, p. 50).



A autora também constatou conflitos identitários propiciados pela dupla-nacionalidade dos imigrantes, já que os filhos(as) que migraram juntamente com os pais ao Brasil, são crianças que nasceram na Bolívia e residem no Brasil. “Havíamos percebido, na conversa com professores, que passar a ser identificado como brasileiro era uma forma de resolver parte dos conflitos, eles entrariam numa zona mais segura” (Idem, p. 55). Ao serem questionados se eram bolivianos, diziam que não, os bolivianos eram os pais.

Outro dado fundamental em relação a identidade é que todos os descendentes de bolivianos e nascidos no Brasil, que participaram da pesquisa, se identificaram como brasileiros, não gostando de serem chamados de bolivianos (Ibdem, p. 55).

Atualmente presenciei um discurso semelhante na sala de aula em que atuo como professora, no 3º ano do ensino fundamental. No qual um aluno, boliviano, reclamou a mim, que não gostava que os outros colegas o chamassem de boliviano.

Acredito, assim como as autoras, que esta negação é devido ao rótulo que sociedade criou do que é ser boliviano em São Paulo. Rótulos estes, ligados à classe social, nacionalidade, ascendência étnica ou racial, credo religioso ou nível de instrução, que já mencionamos anteriormente ao comparar os bolivianos aos outsiders de Elias e Scotson (2000).

Estes jovens, também identificados pela semelhança física do grupo, procuram se desvincular destes rótulos, dos símbolos que os ligam ao grupo de bolivianos. Muitas vezes, por receio do *bullying*:

A Secretaria Estadual da Educação de São Paulo disse, em nota enviada à imprensa [...], que vai investigar denúncia de bullying contra alunos imigrantes da Bolívia em escola da Região Central de São Paulo. [...] Estudantes e um professor disseram [...] que alunos imigrantes têm de pagar para não apanhar de outros alunos [...]. Os entrevistados pediram para não ser identificados. A escola está localizada no bairro de São Paulo em que vivem milhares de imigrantes bolivianos. Muitos deles trabalham em confecções da região. Segundo um professor da escola, estudantes exigem que os alunos bolivianos paguem lanche para eles. “Eles levam tapas na cabeça”, disse o professor. De acordo com o educador, os alunos sofrem preconceito e o clima é tenso na sala de aula. “Os grupos não se misturam. É um problema quando peço para fazerem trabalhos juntos”, afirmou. (SECRETARIA da Educação de São Paulo diz que investigará... G1, [S.l.], 28 nov. 2010, apud, PAIVA, 2013, p. 25).

Este, como outros casos de violência cometida contra os imigrantes, mostra que a comunidade de jovens e crianças bolivianas possui experiências e trajetórias comuns, marcadas por tensas questões identitárias. Mas ainda, se faz necessário ampliar os debates a cerca dos conflitos, muito ligados a crianças e jovens não tão pequenos.

A dupla-nacionalidade também se faz presente em relação ao idioma, as autoras também notaram que alguns estudantes priorizavam o uso do português, principalmente em lugares públicos. O idioma



também se faz como ponte entre país e sociedade, importante ferramenta no papel de socialização destes familiares (Magalhães e Schilling, 2012, Idem, p.52).

Freitas e Silva (2015) identificaram problemas na comunicação entre as crianças bolivianas, crianças brasileiras e professoras, já que muitas vezes as crianças não são compreendidas. Um exemplo de superação das barreiras idiomáticas foi o da professora Antônia, que procurava traduzir para o português as falas das crianças, que sentiam-se felizes em notar que a que foram compreendidas, estabelecendo relações de confiança (p. 690).

Identities híbridas: na fronteira entre o ser boliviano(a) e brasileiro(a)

Estas situações abordadas são apenas indícios que nos demonstram os conflitos e tensões vivenciadas por famílias bolivianas em São Paulo. São dados trazidos por pesquisadores que trouxeram estes personagens à tona e contribuíram para que possamos refletir sobre os elementos que compõem estas identidades fluídas na era da globalização.

Identities estas que refletem os conflitos de atravessar fronteiras que transcendem a divisão territorial do espaço geográfico e se constituem nas fronteiras culturais, históricas, políticas, econômicas e sociais. São espaços que se redefinem continuamente com a chegada do Outro. Espaços estes que não são homogêneos e lineares, mas que trazem os conflitos entre os do “lado de cá” e os do “outro lado”, como abordados brevemente no trabalho.

Para Bhabha (2014) estes embates culturais podem ser consensuais ou conflituosos, podendo nos confundir quanto às noções de tradição e modernidade e nos desafiar quanto às expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (p. 21).

São embates que revelam uma série de outras migrações, como nos chamou atenção Paiva (2013, p. 16), como, migrações espaciais, culturais, identitárias, profissionais. Ao mesmo tempo, elas se mesclam com outras motivações que, por vezes, são de ordem política.

Os conflitos em torno da identidade foram identificados também nos estudantes da pesquisa de Magalhães e Schilling (2012, p. 53), com a dupla-identidade. São estudantes que trazem em si a diversidade de suas culturas, mas que em alguns casos, preferem optar pelo silêncio com o receio do bullying. Neste sentido, as autoras apontam que este silêncio possui duas vertentes, como sendo: positivo, já que é uma forma de respeito aos professores, uma espécie de reverência ou negativo, por embutir o medo de agressões.



Deste modo, ainda nos questionamos, que olhar podemos lançar aos imigrantes bolivianos, para que possamos trazer este embate cultural como forma de trocar e aprender sobre as suas culturas e não apenas produzir o discurso sobre o Outro para dominá-lo, assim como feito na tradição histórica, na relação entre brancos civilizados e diferentes grupos étnicos, entre adultos e crianças. Como podemos aprender com o Outro durante a pesquisa?

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "O novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (Bhabha, 2014, p. 27)

A solução que já nos foi proposta por Paiva (2013, p. 22) seria a de a escola dar voz as diferenças e trabalhar de forma “a oxigenar os valores tradicionais da sociedade hospedeira, ao passo que a diversidade de suas diferentes origens potencialmente cria uma sociedade mais tolerante e plural.”

Concordo com o autor e por isso o trabalho de mestrado em andamento procura dialogar com estes valores trazidos pelas crianças imigrantes bolivianas, de modo a contribuir com uma “sociedade mais tolerante e plural”. E deste modo, finalizo não com um ponto final, mas com indícios para pensar na continuidade da pesquisa, instigada pelos estudos das diferentes infâncias brasileiras. E como estes estudos podem influenciar em um melhor entendimento das crianças imigrantes bolivianas em ocupações, e na construção de uma sociedade pautada pelo respeito à diversidade.

Referências Bibliográficas

- BAENINGER, Rosana; e OLIVEIRA, Gabriela Camargo de. **A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo**. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Trad.
- CINTRÃO, Heloísa Pezza, LESSA, Ana Regina. Ed. 4ª. São Paulo- Edusp, 2015.



CARVALHO, Francione Oliveira. **A pluralidade dos saberes e experiências no ambiente escolar: imigrantes bolivianos na rede municipal de São Paulo**. In: Anais do III Seminário políticas para a diversidade cultural. Bahia: 2014. Disponível em: https://diversidadeculturaldotorg1.files.wordpress.com/2014/07/spdc14_francione-oliveira-carvalho.pdf

CARVALHO, José Alberto Magno de; e SALA, Gabriela Adriana. **A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões**. Rev. bras. estud. popul. vol.25 no.2 São Paulo July/Dec. 2008

ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIA, Ana. Lucia. G., FINCO, Daniela. **Apresentação**. In: FARIA, A. L. G., FINCO, D. (orgs.) *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FREITAS, Marcos Cezar de, e SILVA, Ana Paula. Crianças bolivianas na educação infantil de São Paulo: adaptação, vulnerabilidades e tensões. Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 157, 2015.

LE MOS, M. T. T. B. **A Imigração Boliviana no Rio de Janeiro**. In: 3ª Reunião do Comitê Acadêmico - História, Regiões e Fronteiras da AUGM, 2012, Santa Maria. III Reunião do Comitê História, Regiões e Fronteiras da AUGM. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. v. 1. Disponível em: <http://www.labimi.com.br/artigos.php>

MAGALHÃES, Giovanna Modé. **Fronteiras do Direito Humano à Educação: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

MAGALHÃES, Giovanna Modé e; SCHILLING, Flávia. **Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação**. In: Revista Pro-posições, vol. 23, n. 1 (67), p. 43-63. Campinas: Jan/Abr, 2012.

PAIVA, Odair da Cruz. **Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

SALA, Gabriela Adriana. **Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil**. Tese (Doutorado) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.



SILVA, Carlos Freire da. **Caminhos cruzados: migrantes bolivianos e o trabalho informal na indústria de confecções em São Paulo.** In: CABANES, Robert... [et al.] (orgs.); [tradução FERRONE, Fernando, RIZEK, Cibele Saliba]. *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo.* São Paulo: Boitempo, 2011.

SILVA, Sidney A . **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade.** In: Estudos Avançados. São Paulo: v. 20, n. 57, 2006.

SILVA, Sidney A. da. **Bolivianos em São Paulo. Dinâmica cultural e processos identitários.** In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração Boliviana no Brasil.* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.